

Construção da proposta pedagógica: Seus atores e a caminhada vivenciada¹

Luciana Pereira Rodrigues
Simone Santos de Albuquerque

Resumo

Este artigo origina-se a partir do trabalho de conclusão apresentado no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da FACED/UFRGS – MEC que buscou investigar a ação da coordenação pedagógica municipal, juntamente com a comunidade escolar, na elaboração da proposta pedagógica de uma escola municipal de educação infantil pertencente ao programa Proinfância. A pesquisa, de abordagem qualitativa, caracterizou-se como pesquisa-ação, sendo desenvolvida no coletivo da escola. A pesquisa pretendeu contribuir com os estudos na área, vislumbrando possibilidades na atuação da coordenação pedagógica, bem como apontando caminhos para a construção da proposta pedagógica para escolas de educação infantil. O artigo foca no processo metodológico vivenciado pelo grupo na construção da proposta pedagógica da escola.

Palavras-chave: Coordenação pedagógica. Proposta pedagógica. Pesquisa-ação.

¹ Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso produzido no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da FACED/UFRGS – MEC intitulado *A elaboração da proposta pedagógica de uma escola municipal de educação infantil para crianças de 0 a 3 anos: a ação da coordenação pedagógica juntamente com a comunidade escolar*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Simone Santos de Albuquerque.

Atuando na coordenação pedagógica da educação infantil na Secretaria Municipal de Vera Cruz (2009-2014), município localizado na região central do Rio Grande do Sul, enfrentava várias demandas diárias relativas ao cotidiano das instituições de educação infantil, mas, ao ter que definir uma temática de pesquisa para o trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, fui instigada a estudar e aprofundar a constituição do processo de construção da proposta pedagógica de uma escola municipal de educação infantil que havia sido inaugurada em maio do ano de 2013. Este é um campo potente de pesquisa e de reflexões para a área, pois articula as temáticas da proposta pedagógica da educação infantil para bebês e crianças bem pequenas (a escola atende somente crianças de 0 a 3 anos de idade) com a experiência de uma escola que estava iniciando suas atividades, além do fato de ser uma escola pertencente ao programa Proinfância², que está recebendo por dois anos (2013-2014) assessoramento e acompanhamento pedagógico formativo de uma universidade.

Neste artigo irei apresentar as vivências que caracterizaram a parte metodológica da pesquisa, envolvendo todo o processo de elaboração da proposta pedagógica, apontando a pesquisa-ação como uma metodologia potente neste processo. É possível afirmar que não tenho a intenção de apresentar uma receita ou um manual metodológico, mas apresentar as reflexões em torno da experiência vivenciada durante a realização da pesquisa, que considero positivas e que poderão contribuir com outros estudos da área.

Definições e princípios norteadores

Entendendo que a coordenação pedagógica em suas diversas funções deve procurar centrar sua atuação na formação continuada dos professores, acreditei que a construção da proposta pedagógica da escola seria uma oportunidade interessante para ser elaborada pelo coletivo da escola. Nessa perspectiva, o questionamento que norteou o estudo foi o seguinte: “Como a coordenação pedagógica municipal pode articular ações e estratégias para contribuir com a elaboração da proposta pedagógica de uma escola de educação infantil, jun-

2 O programa Proinfância foi instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007, e é parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação. Seu principal objetivo é prestar assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios visando garantir o acesso de crianças a creches e escolas de educação infantil da rede pública.

tamente com a comunidade escolar?”. Como afirmam Zumpano e Almeida (2012, p. 22),

[...] o coordenador pedagógico não é um mero gestor de sistema (planejar e coordenar), de práticas que dão certo e sempre funcionaram. A especialidade desse profissional reside em sua capacidade de contextualizar práticas cotidianas, compreender a generalidade das situações que envolvem a educação de crianças e a formação de adultos, transformar as queixas em bons problemas, congregar esforços para encontrar alternativas e, muitas vezes, inventar soluções. Por isso, podemos dizer que é um profissional estratégico na formação continuada em serviço da equipe de educadores e na construção do trabalho pedagógico em qualquer nível educacional.

De acordo com Rangel (2007, p. 77), “coordenar significa organizar em comum, prever e prover momentos, estratégias, instrumentos, recursos que possibilitem a integração do trabalho realizado na escola”. Compreendo a coordenação como mobilizadora e provocadora para busca de reflexões individuais e coletivas que gerem mudanças na prática pedagógica, contribuindo com o projeto coletivo da escola. Como nos diz Alarcão (2007, p. 79), “a escola deve ser uma comunidade reflexiva, ou então, é um edifício sem alma”. E quem irá suscitar estes momentos de reflexão é justamente a coordenação pedagógica.

Destaco que a escola onde desenvolvi a pesquisa foi inaugurada sem ter sua proposta pedagógica, pois, enquanto mantenedora, acredita-se que uma proposta somente tem validade se for construída com a participação de todos os envolvidos no processo e articulada com sua realidade. A autora Zilma de Oliveira, em seu texto *Currículo em movimento – perspectivas atuais* (2010), defende que a elaboração, o acompanhamento e a avaliação do projeto político-pedagógico da unidade educacional devem contar com a participação coletiva dos educadores, demais profissionais que atuam na escola, famílias, comunidade e crianças.

Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96), as escolas têm incumbência de elaborar sua proposta pedagógica, como podemos observar nos artigos 12, 13 e 14:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;

[...]

VII - informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

[...]

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Tendo assegurada por lei a possibilidade de elaboração da proposta pedagógica, cabe à escola fazer suas escolhas, definir suas concepções considerando a realidade e envolver os diferentes segmentos que a compõem para construir de maneira autônoma e significativa o caminho que esta deseje seguir.

São conhecidas diferentes terminologias, como projeto político-pedagógico, proposta educacional, projeto educacional pedagógico, entre outros, como sinônimos para o termo proposta pedagógica, que decidi utilizar em minha pesquisa, justificando a escolha por ser este o termo utilizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2009). De acordo com essa legislação, a proposta pedagógica é definida como o

plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar (BRASIL, 2009).

Com essa concepção que me inseri como coordenadora no movimento de construção da proposta pedagógica, compreendendo que não faz sentido se esta não for construída e pensada por todos, de forma que cada um perceba que sua opinião e decisão são importantes.

Percursos metodológicos trilhados

Além do meu interesse por esta temática, percebia que na escola também era latente a necessidade da construção da proposta pedagógica, pois era uma equipe que estava se constituindo e a maioria dos educadores não tinha experiência com a faixa etária atendida pela escola. Dessa maneira, a partir de algumas leituras referentes a metodologia científica, optei por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa-ação. De acordo com Barbier (2007), a pesquisa-ação ocorre quando o problema surge na comunidade. Esta, além de defini-lo, vai analisar e resolvê-lo, sendo a própria comunidade os beneficiários da pesquisa. Outro aspecto importante é que esta exige a participação plena e total da comunidade durante o processo da pesquisa. Ainda, segundo a definição de Thiollent (apud GIL, 1999, p. 46):

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Observei que havia este envolvimento por parte de toda a equipe escolar, constituída pela equipe diretiva (uma diretora e uma vice-diretora), cinco professoras, dez auxiliares de educação e três funcionárias. Em conjunto, foi sendo definido o caminho para a construção da proposta pedagógica da escola. Cabe destacar que todos os sujeitos que participaram da pesquisa preencheram

o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando participar das diferentes etapas da pesquisa.

Os autores Ghedin e Franco (2011, p. 220) referem que a pesquisa-ação desenvolvida na área da educação tem caráter *formativo-emancipatório*, mas para realizar-se deverá contemplar:

- a) a ação conjunta entre pesquisador e pesquisados;
- b) a realização da pesquisa em ambientes em que se dão as próprias práticas;
- c) a organização de condições de autoformação e emancipação para os sujeitos da ação;
- d) a criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos críticos-reflexivos para com a realidade;
- e) o desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção;
- f) reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e rotina massacrante;
- g) ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio-históricas;
- h) o desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação.

A fim de exemplificar as características citadas pelos autores Ghedin e Franco, registro alguns momentos vividos na escola durante este processo de construção. Realizei juntamente com a equipe diretiva uma primeira reunião para explorarmos alguns conceitos da proposta pedagógica, conhecer as experiências da equipe em relação ao assunto e apontarmos alguns caminhos juntamente com o grupo.

Nessa reunião foi combinado que todos da equipe se envolveriam nos estudos e também se estabeleceu, no coletivo, a realização de reuniões mensais com base na necessidade percebida para o desenvolvimento do trabalho. Decidiu-se que as reuniões seriam realizadas no turno da noite com todo o grupo e durante o intervalo do almoço com grupos alternados, sendo um dia com a equipe que trabalha no turno da manhã e o outro com a equipe que trabalha

no turno da tarde, pois as crianças frequentam a escola no turno integral, o que impossibilita deixar as salas sem professores. O grupo sentiu a necessidade de, durante essas reuniões, não abordar outros assuntos mais gerais, devendo deter-se na proposta.

No decorrer do processo, foi avaliado pelo grupo que as reuniões precisavam acontecer com toda a equipe reunida. Além disso, não estavam considerando produtivas as que aconteciam no intervalo do almoço, pois ficavam comprometidas, já que havia professores que trabalhavam em outras escolas, até mesmo em outros municípios e acabavam precisando sair antes da conclusão da reunião. Inclusive sugeriram encontros aos sábados para que o tempo fosse mais bem aproveitado.

Na primeira reunião sugeri para a equipe, como instrumento de registro, o diário coletivo dos encontros. Este é uma adaptação das notas de campo (BOGDAN; BIKLEN, 2010), no qual foram relatados os encontros realizados no decorrer da construção da proposta pedagógica e as discussões vivenciadas, sendo também uma documentação para a escola e um material que contribuiu com a escrita da proposta pedagógica. O primeiro registro foi feito individualmente, e os demais, por preferência das professoras e funcionárias acreditando que ficariam mais completos, foram escritos em grupo.

A seguir, destaco um registro do diário coletivo em que aparece a afirmação da necessidade da participação de toda a comunidade escolar:

*Pensando numa educação de qualidade para todos, voltamos nosso olhar para uma etapa que por muito tempo não foi valorizada como deveria, a educação da primeira infância, a etapa mais importante da vida da criança. E com esse novo conceito, buscamos elaborar a proposta pedagógica para nossa escola, que realmente faça a diferença, que seja a “cara” da escola e que principalmente **coloque em prática as excelentes ideias de todos da comunidade escolar**, para este público tão especial que são nossas crianças (Diário coletivo, 14 de agosto de 2013).*

Nesses relatos, pode-se perceber que havia uma dinâmica coletiva movendo esta construção da proposta, exigindo constantemente planejamento, reflexão, avaliação e replanejamento. Como afirma Barbier (2007, p. 117),

o espírito mesmo da pesquisa-ação consiste em uma abordagem em espiral que a todas utiliza. Significa que todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação [...]. Assim, na ação, o pesquisador passa e repassa seu olhar sobre o objeto, isto é, sobre o que vai em direção ao fim de um processo realizando uma ação de mudança permanente [...].

Esse movimento de planejar e replanejar fez com que eu recordasse alguns momentos vividos no grupo, entre eles, reuniões que haviam sido agendadas e, conforme levantamento da direção, como algumas pessoas não poderiam participar, foram reagendadas, pois o grupo priorizava a participação do maior número de colegas possível, dos diferentes setores em que atuavam, como também textos que foram sugeridos para estudo e que a equipe preferiu dividir por capítulos para cada grupo poder aprofundar e depois socializar.

Quando o autor Barbier define a pesquisa-ação como uma espiral, entendo como a ideia de movimento, e isto foi vivido na escola. Percebo que o propulsor deste movimento foram justamente os estudos e as reflexões feitos em grupo, sempre aproximando-os das vivências pedagógicas. Ou ainda, conforme Ghedin e Franco (2011, p. 243),

as espirais permitem o retorno ao vivido, a reinterpretação do compreendido, revisões do já realizado, acerto de perspectivas e possibilidades, além de garantir uma avaliação formativa do processo e a objetivação das conquistas do grupo. É um processo eminentemente pedagógico, coletivo e compartilhado.

É válido ressaltar que os primeiros encontros foram direcionados para estudos utilizando textos como o Parecer CNE/CEB nº 20/2009, que fixa as Diretrizes Nacionais da Educação Infantil, a Resolução CNE/CEB nº 5/2009, o relatório do projeto Práticas Cotidianas na Educação Infantil, textos trabalhados nos encontros de assessoramento realizados pela UFSM, entre outros materiais. E, para dinamizar as discussões, a equipe organizou-se em três grupos, conforme o número de turmas que eram atendidas na escola no início da construção.

Com base nos estudos teóricos realizados a partir do livro *Currículo na educação infantil*, das autoras Salles e Faria (2012), a coordenação pedagógica

elaborou um organograma com os principais itens que devem compor a proposta pedagógica. Este organograma auxiliou a equipe a se organizar na escrita deste documento.

Cada grupo definiu as temáticas que deveriam desenvolver em forma de texto, considerando os estudos realizados, as questões da ação pedagógica discutidas, os registros feitos no diário coletivo, as observações feitas das crianças, bem como os questionários que foram respondidos pelos pais e funcionários logo no início do processo da construção da proposta a fim de conhecer mais as famílias e suas concepções em relação ao trabalho desenvolvido pela escola. Esse processo iniciou no mês de outubro e foi concluído em dezembro.

Após finalizado o prazo para escrever sobre as temáticas escolhidas, conforme a decisão dos grupos, foi realizada uma reunião em um sábado pela manhã, quando cada grupo apresentou seus textos e os demais puderam se manifestar contribuindo com as escritas, aprovando os textos que constituíram a proposta pedagógica da escola. Esta escrita coletiva bem como os demais momentos vividos durante a construção da proposta revelam que esta foi resultado do envolvimento do coletivo.

Além do diário coletivo que foi um dos instrumentos da pesquisa, construí o meu diário de bordo, no qual fazia registros a partir das minhas observações durante as reuniões, anotando minhas impressões e sentimentos. Os autores Bogdan e Biklen (2010) citam as notas de campo como o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, vivencia e pensa. É constituída pela parte descritiva, caracterizada pelos registros dos detalhes do local, das pessoas, das ações e pela parte reflexiva, a parte onde aparece o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações. Considerando essas definições, preferi utilizar o termo diário de bordo no lugar de notas de campo, mas percebo que o termo ambos têm o mesmo sentido. Exemplifico com um registro do meu diário de bordo:

No dia 12 de setembro, às 18h, nos reunimos na sala de reunião, desta vez não em círculo; devido à dinâmica preparada pela equipe diretiva, cada grupo sentou ao redor de uma mesa. A diretora, após as boas-vindas, entregou a cada grupo um envelope contendo peças de quebra-cabeças e solicitou que montassem. O grupo, muito alegre, foi montando seu quebra-cabeça, mas perceberam, no final, que havia uma peça errada. Percebi que, imediatamente, foram ver nos demais grupos e assim iniciaram-se as trocas... Com a montagem pronta, houve a reflexão a respeito da parceria, da união da equipe e do diálogo. Uma das professoras, que já teve experiência em outras EMEIs, manifestou-se dizendo que era muito importante o comprometimento de todos, pois a escola estava iniciando suas atividades e desde o início deve haver empenho de todos, e que é essencial que isto não se perca com o tempo (Diário de bordo, 12 de setembro de 2013).

Outro instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista. Optei por realizá-las mais próximo do processo final da construção da proposta, pois tinha a intenção de ouvir as opiniões e impressões do processo vivido. As entrevistas foram realizadas durante o mês de dezembro com uma pessoa da equipe diretiva, uma professora, uma auxiliar de educação, uma funcionária e um representante das famílias, considerando os seguintes critérios: uma pessoa de cada segmento, ter acompanhado o processo de construção da proposta desde o início e ter disponibilidade para a entrevista. Justifico a escolha de uma pessoa de cada segmento para compor o grupo de entrevistados com base em Zago e Carvalho (2003, p. 297), que afirmam:

Ao adotarmos a entrevista em profundidade, a intenção não é produzir dados quantitativos, e nesse sentido as entrevistas não precisam ser numerosas. Se o que nos interessa é a representatividade, nesse caso [...], precisamos fazer entrevistas que cubram todo o leque do meio pesquisado.

Após as entrevistas realizadas com uma pessoa de cada setor, fiz as transcrições na íntegra, preservando as falas de cada pessoa entrevistada. A partir da análise destes instrumentos, tornou-se possível fazer algumas reflexões sobre

o processo de construção da proposta pedagógica vivenciado na escola, entendendo como cada profissional percebeu esta caminhada junto com a coordenação pedagógica municipal.

Destaco que as entrevistas realizadas constituíram um importante instrumento da pesquisa, pois pude perceber como as pessoas entenderam e como se sentiram durante todo este processo vivenciado para a construção da proposta pedagógica da escola e, a partir daí, ter diferentes opiniões que contribuíram com minhas reflexões finais em relação à pesquisa desenvolvida.

Tecendo possibilidades, considerando a caminhada vivenciada e os atores de todo o processo

Com base nas experiências vivenciadas enquanto coordenadora pedagógica e também pesquisadora, juntamente com o coletivo da escola, compreendo que o processo de elaboração da proposta pedagógica foi uma experiência muito positiva. Destaco dois aspectos essenciais: a construção no coletivo e os momentos de estudo e formação.

Ao tratar da construção no coletivo, não me refiro somente à construção da proposta pedagógica, mas das aprendizagens da equipe, das constituições dos profissionais, incluindo a coordenação pedagógica. Isto é possível perceber em uma das falas da diretora da escola durante a entrevista realizada:

Eu acho que é um pouco diferente, a gente tá aqui, fala bem sincera, em outros municípios eu peguei pronto, o regimento tá pronto, o PPP tá pronto e não muda, fica aquilo, ninguém perguntou pros professores: vocês acham que tem que mudar alguma coisa aqui? E quando foi construído, numa outra escola, eu também senti, sabe, a gente participou, os professores participaram mesmo foi só dos questionário, não foi do resto da construção do PPP como nós estamos construindo junto, tá sendo uma construção junta, lendo textos, fazendo resumos, colocando pro grupo, fazendo cartazes, a gente tá fazendo várias reuniões, todo o grupo participando, eu já participei de outro que foi só o questionário, mas nada. O nosso tá sendo um PPP mesmo, a escola tá vivenciando, tá sendo bem legal, tá sendo diferente dos outros que eu já vi.

As autoras Salles e Faria (2012, p. 48) destacam alguns princípios que devem constar no processo de elaboração da proposta pedagógica e, entre eles, citam a **participação** e o **envolvimento**.

Todas as pessoas que compõem o coletivo da IEI precisam se sentir sujeitos da construção da proposta pedagógica, e não meros destinatários de propostas pedagógicas elaboradas em outras instâncias. Somente com base nesse efetivo envolvimento é que as pessoas se comprometerão com aquilo que construirão (SALLES; FARIA, 2012, p. 48).

No depoimento da entrevistada é possível perceber que a elaboração da proposta pedagógica incentivou e favoreceu a participação de toda a equipe, isto é, não foi uma construção individual ou apenas da minoria.

Já os momentos de estudo e formação foram a base de todo o processo e acredito que tiveram um significado especial para cada professor e funcionário, pois proporcionaram partilhas e reflexões, sob responsabilidade não apenas de um, mas de todos aqueles que constituem a escola. A auxiliar de educação entrevistada retrata este aspecto:

Muito bom. Que nem eu disse, pra mim foram excelentes, porque aprendi muito com isso, não sabia nada, e fiquei sabendo, em questão de seis, sete meses. Eu aprendi muita coisa, muita coisa importante, vários temas, e temas assim muito importantes, que de uma coisa assim. Abriu-se um leque de oportunidades, de coisas que eu poderia fazer diferente, tá mais. Eu tô trabalhando desse jeito, ah, então não é bem assim do jeito que eu tô trabalhando, mudar um pouquinho sabe, essa parte pra mim, vários temas, várias discussões que a gente teve, conversas, muito legal esta parte.

A formação continuada é uma das estratégias de atuação da coordenação pedagógica e, durante o processo vivenciado nesta escola, é possível reconhecer a importância de que esta aconteça no próprio contexto da escola. Isso se deve ao fato de que os assuntos debatidos, estudados, estão diretamente relacionados com a necessidade e realidade da escola, os interesses dos professores são comuns e um pode contribuir com o outro através de suas experiências.

É tendo em vista essa função que a organização dos tempos e espaços escolares deve ser alinhavada, sempre em busca de proporcionar trocas de saberes entre os participantes, possibilitando que os professores compartilhem conhecimentos, didática de trabalho, atividades com os demais membros da escola, para que os saberes ganhem visibilidade no grupo e não fiquem restritos à sala de aula de cada professor, para que deixem de ser saberes “seus”, individuais, e se tornem saberes do grupo, coletivos, de toda a escola (CAMPOS; ARAGÃO, 2012, p. 41).

Esta experiência contribuiu para delinear o trabalho da coordenação pedagógica para o ano de 2014 na Secretaria de Educação. Uma das ações desenvolvidas no âmbito da pesquisa foi definidora para o planejamento ao incluir no calendário letivo uma “parada pedagógica” no mês de agosto, momento em que as escolas irão compartilhar suas experiências, dentro da carga horária de formação, sendo que dez horas deverão acontecer nas próprias escolas, com temáticas elencadas pela equipe. Nesse sentido, destaca-se que cada escola construirá seu projeto de formação, possibilitando que os saberes sejam compartilhados.

Vasconcellos (2011) contribui com minhas reflexões relativas à atuação da coordenação pedagógica, pois concordo com o autor em relação à importância dessa atuação envolver a motivação e mobilização do grupo, em especial quando apresenta quatro ações relativas à atuação do coordenador: acolher, provocar, subsidiar e interagir. O primeiro passo foi **acolher** e conhecer o grupo que estava se constituindo. Após conhecer o grupo, durante as reuniões e visitas de acompanhamento nas salas, foi importante **provocar** e/ou **desestabilizar** a fim de sentirem a falta e a necessidade da busca em relação ao conhecimento. A ação de **subsidiar** ocorreu através do apoio e pelos estudos propostos. Já em relação a **interagir**, compreendo que fez parte de todo o processo, sempre com respeito, sendo um dos fatores que contribuiu para que todos participassem.

Além disso, constatei que, quando a proposta é construída através de um processo coletivo, ela tem muito mais significado para o grupo e, desta forma, terá um potencial maior de ser vivenciada no cotidiano da escola.

É possível afirmar que o trabalho de elaboração coletiva, como foi vivenciado nesta escola, envolvendo direção, professores, funcionários, famílias, crianças, tornou-se um processo mais trabalhoso, mais demorado, mas com certeza conseguiu expressar de forma mais clara a identidade da escola, tendo maior sentido para todos. Percebe-se essa realidade no depoimento dado pela diretora durante a entrevista: *“Tem que ser a identidade da escola. Tem que ler ele e conseguir enxergar a escola. Eu acho que é isso que a gente quer. Enquanto ele não tiver a carinha da escola, a gente tem que tá mudando”*.

Analiso que ainda foi frágil a participação das famílias, que ficou limitada ao questionário e a algumas conversas informais. Faz-se necessário ter um olhar atento às famílias, que devem ser convidadas e convocadas a participar de diferentes maneiras, sejam elas mais coletivas e/ou individuais, havendo democracia e respeito nas relações estabelecidas. A professora entrevistada apresenta essa questão em seu depoimento:

Eu acho que foi tudo muito democrático, todo mundo teve vez pra falar, assim e foi escutado e foi levado em consideração o que todo mundo falou. Eu acho que faltou um pouco da participação dos pais. Porque eu acho que só o questionário é pouco, até porque alguns pais não entenderam alguns questionários que eu li, eu percebi que alguns pais não entenderam o que estava sendo perguntado. Acho que, de repente, se houvesse um diálogo nesse sentido, a pessoa falaria até ser entendida. Eu não sei, até porque muitos pais não tinham crianças na escola ainda, é um contato novo com uma escola de educação infantil, nesse sentido eu acho que, de repente, pecou um pouco. Mas em relação a nós, professores, educadores, acho que a gente teve bastante voz, acho que todo mundo participou de alguma forma, em algum momento participou. E pra mim também foi uma coisa nova porque eu nunca tinha participado da construção nem da reestruturação de um PPP.

De acordo com Barbosa (2010, p. 4), “as famílias não podem ser vistas apenas como usuárias de um serviço, mas como colaboradoras, isto é, co-autoras do processo educacional”. O vínculo e a confiança das famílias com a escola somente são construídos se houver proximidade, participação e conhecimento do trabalho desenvolvido.

A construção da proposta pedagógica da escola pesquisada também teve seus momentos de fragilidade, incertezas e dúvidas; talvez, se fosse revivida hoje, se caminharía de outra forma. Aliás, o caminho trilhado não seguiu um roteiro, ele foi construído pelo movimento coletivo, instaurado na relação dos diferentes sujeitos que integram a escola.

Por fim, através da experiência desta pesquisa, é possível afirmar que há alguns aspectos importantes para serem destacados no processo: a garantia do diálogo, o respeito de opiniões, o envolvimento e a participação de todos, estudo, reflexão, comprometimento, persistência e constante avaliação.

Foi um grande desafio para a equipe diretiva e coordenação pedagógica mobilizar todas as educadoras, funcionárias e famílias neste processo de construção da proposta pedagógica. Foi preciso ter muita persistência e motivação para promover o envolvimento de todos.

Com certeza foi gratificante sonharmos juntos com a escola que se almeja para atender com qualidade os bebês e as crianças bem pequenas, uma escola que possa ser caracterizada como “escola reflexiva” (ALARCÃO, 2007), que pense e planeje o cotidiano no coletivo da escola a fim de favorecer os encontros, as experiências, as descobertas, os encantamentos e as aprendizagens para as crianças e para os adultos que nela estão inseridos.

Referências

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Série Pesquisa, v. 3. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?litemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article>. Acesso em: 14 mar. 2012.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.

BRASIL. CNE/CEB. **Parecer nº 20/2009**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2009.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2009.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 06 nov. 2012.

_____. **O Proinfância no contexto da Política Nacional de Educação Infantil.** Abr. 2012. Disponível em: <https://docs.google.com/presentation/d/1qVEWEHeV23pa7aLcKNv-NO_N14jPamVuyAFVmeptwHwk/edit?pli=1#slide=id.p13>. Acesso em: 12 ago. 2013.

_____. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil:** bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB/UFRGS, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2013.

_____. **Proinfância.** Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-apresentacao>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

CAMPOS, Patrícia Regina Infanger; ARAGÃO, Ana Maria Falcão. O coordenador pedagógico e a formação docente: possíveis caminhos. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs.). **O coordenador pedagógico:** provocações e possibilidades de atuação. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 37-55.

FARIA, Vitória Libia; SALLES, Fátima. **Currículo na educação infantil:** diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. **Anais...** Belo Horizonte, nov. de 2010.

RANGEL, Mary. Supervisão: do sonho à ação – uma prática em transformação. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **O professor coordenador pedagógico como mediador do processo de construção do quadro de saberes necessários.** Dez. 2011. Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/index_arquivos/Page4256.htm>. Acesso em: 14 out. 2013.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto (orgs.). **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZUMPARO, Viviani Aparecida Amabile; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A atuação do coordenador pedagógico na educação infantil. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs.). **O coordenador pedagógico:** provocações e possibilidades de atuação. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 21-36.